

CONTRIBUIÇÃO À TÉCNICA DO RECOLHIMENTO DE ESQUELETOS EM ARQUEOLOGIA

Marcos Albuquerque

da Universidade Federal de Pernambuco

Esqueletos humanos são encontrados, com relativa frequência, nos sítios arqueológicos brasileiros. Em linhas gerais este tipo de material, em virtude dos objetivos do pesquisador que o encontra, poderá ser tratado de modo diferenciado. Existem casos nos quais o esqueleto é documentado, gráfica e fotograficamente, sendo em seguida ressepultado. Em outros casos após o documentário convencional o esqueleto é desmontado e transportado para laboratório com a finalidade de ser submetido a análises posteriores. Há casos, entretanto, em que predomina o interesse de preservar o esqueleto tal como foi sepultado. Esta última opção, que será o tema primordial deste artigo, poderá relacionar-se com o estudo de técnicas de sepultamento, do ponto de vista cultural, ou destinar-se a fins museológicos. Vale salientar, nesta oportunidade, que a grosso modo, a preservação do esqueleto, como técnica de sepultamento, não invalida, a priori, a realização de estudos simultâneos de bio-tipologia, parasitológicos, paleo-patológicos, dentre outros. Havendo portanto o interesse de manter o esqueleto, respeitando-se a técnica de sepultamento, é aconselhável que o mesmo seja consolidado em campo. O remonte de um esqueleto em laboratório, mesmo auxiliado por um farto material documental nunca será procedido de forma exata. Com esta preocupação foi desenvolvido pelo Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis (Rohr, 1970), uma técnica para o recolhimento de sepultamentos baseada na cimentação. Esta técnica, bem sucedida, e que tivemos a oportunidade de acompanhar na escavação do sambaqui da Ilha dos Rosas, no Paraná, apresentava além de seus aspectos positivos algumas desvantagens que comprometia a sua utilização em larga escala. Dentre os aspectos positivos pode-se destacar

a possibilidade de resgatar o esqueleto conforme sua técnica de sepultamento, ou seja, da forma como o mesmo foi sepultado. Entretanto, como fatores limitantes, observa-se o tempo relativamente grande necessário à operação de cimentação, como procedimento, acrescido do tempo indispensável ao endurecimento do cimento. Outro aspecto negativo apresentado por esta técnica é o grande peso alcançado pelo bloco terminal, dificultando conseqüentemente o seu transporte e acomodação. Em áreas de difícil acesso, como ocorre em grande parte dos sítios arqueológicos, torna-se praticamente inviável o transporte de um esqueleto sepultado em posição estendida e consolidado por esta técnica, sobretudo considerando-se casos em que os membros não encontram-se no mesmo plano.

Esta técnica foi utilizada inúmeras vezes pelo laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, inclusive em sepultamentos do período colonial.

Por ocasião das escavações realizadas no Parque Histórico Nacional dos Guarapes, sítio que forneceu quase duas centenas de esqueletos, teve início o desenvolvimento de nova técnica que tinha como finalidade primordial a eliminação dos aspectos negativos apresentados pela anterior. Foi priorizado a redução do tempo necessário à preparação do esqueleto, a necessidade de se trabalhar com esqueletos que apresentavam posições anômalas e o peso final do bloco. Esta técnica foi desenvolvida inicialmente neste sítio sendo em seguida utilizada em inúmeros outros, tanto históricos como pré-históricos. Atualmente existem esqueletos, preservados através desta técnica, expostos em laboratórios e museus, apresentando resultados satisfatórios. Face a estes resultados surge este artigo que tem como finalidade dar conhecimento, desta técnica, à comunidade científica. Este procedimento visa sobretudo estimular a publicação de resultados de experiências realizadas por equipes de pesquisa que poderão, na maioria das vezes, ser de interesse mais amplo que a princípio possa parecer.

Considerações Gerais

A técnica proposta para o recolhimento de esqueletos consiste na injeção de uma liga composta pela mistura de breu com parafina, permitindo a estabilização dos mesmos com peso final reduzido. Este procedimento minimiza o tempo gasto com a operação e permite com simplicidade a retirada de esqueletos que se apresentam em posições anômalas.

Material Necessário

- estiletes de madeira
- espátula metálica
- colher de pedreiro
- pincéis

- breu e parafina
- tábuas e barrotes
- parafusos
- maçarico ou fogareiro
- recipiente metálico para fusão da mistura

Procedimento

1) Localizado o esqueleto, adota-se todas as providências exigidas pela técnica arqueológica: controle espacial, vertical e horizontal, correlação com estruturas, documentação gráfica e fotográfica, estudo de orientação, relativa e absoluta, recolhimento de material da cavidade abdominal e todas as demais práticas comuns ao trato com este tipo de material.

2) Limpeza e preparação do esqueleto para ser submetido ao processo de consolidação. Preferencialmente, deve-se utilizar pincéis e instrumentos de madeira com a finalidade de não danificar os ossos. Havendo disponibilidade, poderá ser utilizado um pequeno aspirador de pó, sobretudo para a limpeza da região torácica. Poderá ser utilizado aspirador movido a bateria ou um pequeno conjunto gerador. Nesta etapa, o esqueleto, quando possível, deverá ficar totalmente à mostra, apoiado apenas em sua camada de repouso.

3) Com a ajuda de estiletos de madeira e pincel, retira-se inicialmente o apoio intermediário de uma seqüência de ossos longos, permanecendo os mesmos apoiados apenas nas suas extremidades. A cavidade obtida com a retirada do apoio intermediário deverá atingir aproximadamente 1,5cm de profundidade.

4) Estende-se na base do espaço obtido uma tira de pano grosso com 1cm de largura, deixando-se transpassar aproximadamente 5cm sobre o apoio das extremidades dos ossos. Este transpasse permitirá dar continuidade à operação, armando o bloco que no momento se inicia.

5) Acompanhando o contorno do esqueleto, sobretudo na área que se está trabalhando, levanta-se com o auxílio das mãos ou de uma colher de pedreiro uma pequena barreira com o próprio material do sedimento local. Este obstáculo deverá conter a liga fundida, evitando o seu derramamento lateral. Deverá acompanhar o osso longo que se trabalha no momento em um distanciamento lateral não maior que 3cm.

6) Coloca-se em um vasilhame metálico os componentes da liga na proporção de dois terços de breu para um terço de parafina. Leva-se em seguida ao fogo para completa diluição. Esta operação não deverá ser efetuada com fogo muito forte, pois a chama poderá atingir a mistura que é inflamável. Caso isso ocorra o fogo poderá ser apagado sem riscos pelo abafamento do vasilhame com um pano úmido.

7) Encontrando-se a liga pronta, fundida, despeja-se a mesma no espaço aberto sobre o osso longo em questão. A liga deverá tocar levemente a base inferior do osso. Após alguns minutos, a liga, em função de seu resfriamento, estará completa-

mente consolidada e terá conseqüentemente fixado o osso.

8) Procedimento análogo deverá ser adotado com o próximo osso longo, de forma que um dos apoios que restou na primeira operação seja retirado, criando-se, desta forma, um novo espaço que deverá alcançar aproximadamente a metade do osso seguinte. Em virtude deste osso não mais possuir o apoio de extremidade, a operação deverá se processar com cautela de forma a não comprometer a sua estabilidade.

9) Procedimentos análogos e sucessivos deverão promover uma injeção completa desta liga sobre todo o esqueleto, inclusive crânio e pés. A espessura desta liga não deverá ultrapassar os dois centímetros.

10) O mesmo procedimento deverá ser adotado na região torácica, na qual a liga deverá fixar a base das costelas.

11) O espaço compreendido entre as duas pernas deverá ser preenchido pela liga. É aconselhável colocar algumas tiras de pano (item 4) para se obter uma maior estabilidade do conjunto.

12) No caso de ossos que não se encontrem no mesmo plano, como ocorre em alguns tipos de sepultamento, o problema poderá ser solucionado com a confecção de pequenas pilastras de apoio. Estas pilastras poderão ser confeccionadas de modo extremamente simples. Faz-se um orifício no solo, com a profundidade desejada, através do fincamento de uma madeira roliça (cabo de vassoura), em seguida preenche-se o orifício com a mesma liga. Após alguns minutos o bastonete se encontrará consolidado, oportunidade que deverá ser retirado para servir de apoio ao osso em questão. Mediante um pequeno aquecimento, o bastonete aderirá à base do bloco.

13) Encontrando-se, neste momento, o esqueleto sobre a liga consolidada, retira-se a proteção lateral contra o transbordamento e, em seguida, rebaixa-se o nível do solo em aproximadamente 15cm em torno do sepultamento.

14) Com a ajuda de um arame retesado ou de pequenos estiletos, procede-se a retirada da terra sobre a qual repousa o bloco e introduz-se tábuas que não deverão ser muito mais largas que o esqueleto. Preferencialmente esta operação deverá ser realizada com uma única tábua de madeira prensada.

15) Tendo sido colocada a tábua sob o bloco, poderá ser introduzida sob a mesma dois barrotes de madeira com a finalidade de facilitar o transporte.

16) Sobre o suporte de madeira aplica-se quatro tábuas envolvendo o esqueleto em forma de caixote. A altura destas tábuas deverá ser ligeiramente superior à maior altura do esqueleto.

17) O esqueleto encontra-se nesta oportunidade em condições de ser transportado, sendo aconselhável revesti-lo com algodão ou similar. Pode-se inclusive, sobre o algodão, prender um pano com pequenas tachas para facilitar o transporte.

18) Em laboratório, deverá ser retirado o algodão, colocado o esqueleto em local definitivo e cobrir a liga com uma camada de terra, preferencialmente a mesma do local de onde foi retirado. Esta camada de terra deverá cobrir a liga e entrar em leve contato com os ossos. Este procedimento faz ressaltar a peça conferindo um aspecto de naturalidade.

Esta técnica oferece as vantagens descritas sendo, entretanto, limitada pela incidência direta de raios solares. É aconselhável, para o seu bom desenvolvimento, que o local do sepultamento, se a céu aberto, seja protegido por um toldo.

BIBLIOGRAFIA

ROHR, João Alfredo

1970 — *Normas para a Cimentação de Enterramentos Arqueológicos e Montagem de Blocos — Testemunha*. Manuais de Arqueologia nº. 3. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba.